

AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS – A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE ENTRE OTELO, O MOURO DE VENEZA E DOM CASMURRO

Maria Kaline Lira da Silva ¹

RESUMO

O presente artigo visa analisar a tragédia shakespeariana *Otelo, o mouro de Veneza*, a fim de compreender e retratar uma verossimilhança acerca da condição e visibilidade feminina na sociedade do século XVI, evidenciando o período no qual permeia a obra e o escritor em questão que decerto interpõe-se nas produções e composições, sendo o Humanismo marcado pelo fim da Idade Média. Como também, estabelecer um paralelo com a obra machadiana *Dom Casmurro*, com o propósito de evidenciar os traços que interligam ambas as obras, tendo como meio as vertentes da comparação estabelecida nas obras por Caldwell (2008) e o critério de intertextualidade abordado por Marcuschi (2008) e Koch (1991). Ademais, a pesquisa trata da literatura como mediadora da formação de leitores críticos, que por meio de obras literárias podem aprender sobre temas transversais e compreender recursos e aspectos linguísticos da escrita.

Palavras-chave: Otelo, o mouro de Veneza, Dom Casmurro, Intertextualidade, Ensino de Literatura, Temas Transversais.

INTRODUÇÃO

A literatura em suas inclinações, disciplina escolar ou estética artística, possibilita o desenvolvimento social e cognitivo do sujeito. Além disso, a arte da palavra conduz através de suas obras um acervo de conhecimentos a respeito de múltiplos aspectos nos quais podem proporcionar a compreensão do contexto sócio-político-cultural que permeia a sociedade em determinado momento histórico.

William Shakespeare surge na literatura universal como um poeta e dramaturgo inglês, considerado um dos representantes do Renascimento e o maior nome da literatura inglesa, sendo um grande expoente do teatro elisabetano, escritor de peças teatrais que hoje são mundialmente conhecidas. As comédias e as tragédias traziam em suas retratações os temas oriundos da sociedade vigente, principalmente a burguesia, entretanto, também ocorria a

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras- Português/ Inglês e suas respectivas literaturas do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - UNIVISA, kaline784@gmail.com;

retratação de minorias, no qual é o caso dos mouros, que não dispunham de tanto prestígio social.

Otelo, o mouro de Veneza (2017) discursa a respeito de infortúnios que permeiam o personagem principal que nomeia a obra, suas adversidades são causadas por seu ciúme excessivo que foi acarretado por seu alferes, Iago, com intuito de ver o seu sofrimento, apenas por inveja, o que faz a obra ser considerada uma tragédia. Ademais, a esposa de Otelo, Desdêmona, e as demais personagens da obra, são formas representativas da condição feminina na sociedade do século XVI, período no qual o sujeito mulher devia plena submissão ao seu pai e posteriormente o esposo após o matrimônio.

A personagem de Shakespeare não se faz presente apenas em seu teatro, Dom Casmurro, de Machado de Assis, apresenta intertextualidade com a obra, citando-a implícita e explicitamente, e por tamanha semelhança que as interligam, passa a ser considerada o “Otelo brasileiro” sob a ótica de Caldwell (2008). Outrossim, as personagens principais femininas de ambas as obras, Capitu e Desdêmona, são expostas sob o olhar masculino, concebendo a discussão acerca da condição feminina na sociedade.

Diante do exposto, é possível estabelecer a conexão que há entre Otelo e Dom Casmurro através do compilado teórico de Caldwell (2008) no que se refere ao estudo do paralelo existente entre ambas as obras, bem como o critério de intertextualidade abordado por Marcuschi (2008) e Koch (1991). Além disso, será discorrido acerca do movimento social Humanismo e as características de ambas as obras de modo a expor como a literatura universal pode agregar sapiência para o aprendizado da literatura brasileira como disciplina em âmbito escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa é uma revisão bibliográfica e parte do cotejamento analítico entre textos e artigos que tratam da temática em questão. Foram analisados livros e artigos que concernem acerca da obra estudada, como também os que tangem acerca do movimento social Humanismo e a condição feminina, além de obras que procedem conceitos teóricos para a composição referencial.

Busca-se com essa pesquisa analisar a obra Otelo, o mouro de Veneza, de William Shakespeare, versando discorrer acerca da condição feminina com o intuito de expor como o sujeito mulher era retratado na sociedade inglesa do século XVI. Além disso, tratar-se-á de

que forma a literatura universal do autor em questão apresenta uma relação intertextual e mostra-se como facilitadora da compreensão de uma obra consagrada da literatura brasileira, Dom Casmurro, de Machado de Assis, fazendo-se via para argumentação de temas transversais e a formação de uma leitura crítica.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Humanismo e as suas características em Otelo

O Humanismo, movimento intelectual que teve seu início entre o fim da Idade Média e a ascensão do Renascimento, possui como filosofia principal a centralização da representação humana, não mais cedendo espaço para o reconhecimento divino, afastando-se do Teocentrismo para ir ao encontro com o Antropocentrismo, marcando assim, uma nova faceta racional e científica.

As produções literárias desse período representavam as características de transição procedente de uma mudança social, sendo assim, a poesia Palaciana visava ser proveniente das cantigas do Trovadorismo, possuindo uma estrutura textual mais elaborada, como ambiguidades, sensualidade, métrica, ritmo e expressividade, já a prosa humanista era dividida entre crônicas ficcionais e historiográficas, possuindo como um dos maiores expoentes, o autor William Shakespeare.

A figura humana nas obras de cunho humanista carrega traços muito marcantes de expressão, valorizando as emoções, a beleza e trazendo à tona o antropocentrismo, retomando assim o clássico greco-latino. Em Otelo a expressividade das emoções é exacerbada, e são causadoras de desestabilidade, e a beleza é tratada como algo de valor, entretanto, o homem também é cercado pela racionalidade, sendo imposto a pensar a respeito de suas ações, decisões e as possíveis consequências.

“OTELO - [...] Então a alguém tereis de referir-vos que amou bastante, embora sem prudência; a alguém que não sabia ser ciumento, mas, excitado, cometeu excessos, e cuja mão, tal como o vil judeu, jogou fora uma pérola mais rica do que toda sua tribo; a alguém com olhos vencidos e que embora pouco usados aos sentimentos moles, maior número de gotas derramaram do que as árvores da Arábia fazer soem com sua goma medicinal [...] (Apunhala-se).” (SHAKESPEARE, 2017, p. 148-149)

No trecho acima retirado do livro é possível observar os aspectos citados, pois, o protagonista, Otelo, demonstra sua angústia após assassinar sua esposa, Desdêmona, de forma acentuada, trazendo alegorias que intensificam a sua fala e causam uma valorização aos seus sentimentos, do mesmo modo no qual é possível compreender que ele se põe a pensar nas consequências de seus atos.

Machado de Assis: um leitor de Shakespeare?

Dom Casmurro, o Otelo brasileiro, apresenta uma estreita relação com a obra de Shakespeare, ambas as obras são permeadas pelo ciúme, fantasias acerca de traição e ausência de lugar de fala das personagens femininas, entretanto, na primeira obra em questão há uma elaboração mais complexa, enquanto a tragédia de Shakespeare apresenta em sua conclusão que a personagem Desdêmona é inocente, a inocência de Capitu permanece como uma incógnita que gera discussões que atravessam gerações.

Em Otelo, o ciúme é desencadeado por Iago, seu alferes, ao questioná-lo acerca da fidelidade de sua esposa, já em Dom Casmurro o ciúme é inicialmente plantado por José Dias ao levar a Bento Santiago, que ainda estava no seminário, notícias sobre Capitu, entretanto, Bentinho revelasse o próprio Iago de sua história, através de sua imaginação acerca da relação de Capitu com seu melhor amigo Escobar, como também a aparência de seu próprio filho, no qual ele acreditava ser idêntico ao seu amigo, logo, é o próprio Santiago que revela que há uma inter-relação com Otelo. Mediante a isso, Caldwell (2008) diz:

É ele mesmo quem revela que se trata da história de Otelo, mas com uma certa diferença, e muito importante: sua Desdêmona é culpada. Há outras diferenças menos importante. Nosso Otelo brasileiro, no começo de sua fábula, não é ainda um homem maduro. É um menino de quinze anos, dado a fantasias cotidianas que talvez se igualem em cores e vivacidade às maravilhas conhecidas por Otelo. (CALDWELL, 2008, p. 119)

A tragédia de Shakespeare não é apenas explanada de forma indireta na obra, o personagem Bentinho assiste à peça em um teatro e após a apresentação, ele apresenta uma reflexão acerca da sua relação com Capitu. Mais especificamente, Otelo é citado diretamente em três capítulos, são eles: “Uma ponta de Iago” (capítulo LXII), “Uma reforma dramática” (capítulo LXXII) e “Otelo” (capítulo CXXXV).

Em Dom Casmurro ao contrário de Otelo, se tem um narrador-personagem que conta uma história que já foi vivenciada, de modo a criar a sua Desdêmona como culpada, já que o único ponto de vista retratado na obra é o seu. Já na segunda obra, tratando-se de uma peça teatral, sem a presença de um narrador, já que as personagens se manifestam no processo dialógico, apresentam-se momentos que estão ocorrendo no momento, nem uma personagem aparenta saber mais informações que a outra, além de Iago que, com seus conhecimentos, busca apenas persuadir trazendo discórdia.

As personagens femininas em Otelo, o mouro de Veneza

Além de Desdêmona, esposa de Otelo, há a presença de outras duas personagens femininas: Emília, esposa de Iago, e também Bianca, citada na obra como uma “*mulher pública*”. Desdêmona, a princípio, demonstra um ato de coragem ao contrariar os desejos de seu pai, Brabâncio, fugindo de casa para casar-se com Otelo, entretanto, houve apenas uma troca de submissão, deixando de ser submissa ao pai para ser ao marido, essa troca é exposta através algumas falas da personagem, sendo possível tomar de exemplo a passagem que Desdêmona fala a seu pai:

“DESDÊMOMA - Meu nobre pai, percebo um dividido dever: A vida e a educação vos devo, educação e vida que me ensinam a saber respeitar-vos. Sois o dono do meu dever, sendo eu, pois, vossa filha. Mas também aqui vejo meu marido; e quanto minha mãe vos foi submissa, preferindo-vos mesmo aos próprios pais, tanto agora pretendo revelar-me em relação ao Mouro, a quem pertencço. ” (SHAKESPEARE, 2017, p. 19)

Ao analisar o fragmento destacado considerasse que o sujeito mulher no século XVI não dispunha de direitos sobre si, o seu pertencimento era passado do pai para o esposo após o matrimônio, entretanto, quando o sexo feminino não detinha da figura paterna/materna e matrimonial, de certo modo poderia ser considerada uma *mulher pública*, em termos de cunho pejorativo, tratava-se de uma prostituta, sendo esta a forma que a personagem Bianca era vista pelos demais, e ao aparecer em poucas passagens da obra, em todas era julgada.

Emília é uma personagem pertinente em todas as suas ações, demonstrando como característica principal a honestidade com a sua senhora, Desdêmona, a quem buscava sempre aconselhar a respeito das atitudes do mouro. Ao contrário de seu marido, Iago, o alferes de Otelo e o fomentador da discórdia entre ele e sua esposa, ela busca trazer o mouro a sua

lucidez após o seu feito, mesmo sofrendo repreensão por parte de seu esposo, que não cogitava alegar a verdade sobre o decorrer da narrativa até a tragédia. Emília declara um discurso acertado no que tange a condição feminina em uma de suas conversas com Desdêmona:

“EMÍLIA - Então este homem não' será ciumento? DESDÊMOMA - Nunca o vi assim antes. É certeza conter aquele lenço algo de extraordinário. Desolada me sinto com sua perda. EMÍLIA - Nem dois anos são suficientes para conhecermos os homens. São estômago, somente, e nós, os alimentos. Todos eles nos devoram com ânsia; mas, repletos, nos vomitam. Oh! Cássio e meu marido!” (SHAKESPEARE, 2017, p. 19)

A passagem exprimida acima pode ser admitida como uma crítica a sociedade patriarcal, logo, é inequívoco que o modo de tratamento que as mulheres eram submetidas no período humanístico do século XVI ainda carregava traços da Idade Média, pois, a transição desse período para outro paradigma não extinguiu os pensamentos e modos arcaicos, sendo ainda os lugares de fala mediados apenas por homens, tanto que mesmo mediante a um caso de feminicídio, termo não existente no momento de escrita da obra, Desdêmona prosseguiu sendo submissa a seu marido, não o acusando de tal ato a fim de protegê-lo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura como mediadora da formação crítica

A literatura, não apenas como disciplina, mas também como manifestação artística, contempla ao leitor uma formação crítica, quanto mais o indivíduo entra em contato com a estética literária, mais ampla é a sua visão do mundo e seu arcabouço teórico. No âmbito escolar, a literatura é citada e prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia os profissionais da educação, determinando as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas no período de aprendizagem, em um dos pontos desse documento a literatura é apontada como:

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (BNCC, 2017, p. 499)

Logo, compreende-se através do exposto que o docente deve trabalhar a linguagem literária não apenas se referindo tão somente a descrição de uma obra, mas também versando a uma leitura crítica que lance um olhar e pensamento analítico, já que um texto literário vai além do que se está escrito no decorrer da narrativa, mesmo que alguns textos sejam considerados ficcionais, uma obra carrega em suas entrelinhas o contexto social, político e cultural em que ela e seu escritor pertenceram no período de escrita.

O ensino de literatura sempre se remete as obras clássicas criadas ao longo da história, pois, segundo a reflexão de Calvino (2007, p. 11), “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, isto é, a obra sempre irá trazer algo novo a partir de uma (re) leitura. Sabendo disso, se faz necessário ressaltar que um texto literário não é de certo modo homogêneo, mas que também há a possibilidade de algumas obras carregarem elementos emprestados de outras obras, como na literatura romana, em conformidade com o exposto, Vasconcellos (2001, p.13) pontua que “Os antigos romanos sempre tiveram consciência de que a sua literatura era, na quase totalidade, de ‘segundo grau’, isto é, uma reelaboração criativa de formas e temas emprestados à cultura grega, considerada exemplar, paradigma de excelência”.

Assim, de acordo com a citação de Vasconcelos (2001) exposta acima, compreende-se que pode haver entre obras uma intertextualidade, contudo, o assunto da obra pode apresentar o mesmo itinerário da obra primária ou apenas conter uma assimilação entre si, a exemplo disso, pode-se tomar a criação machadiana Dom Casmurro, de literatura nacional, e a produção shakespeariana Otelo, o mouro de Veneza. Os personagens principais de ambas as obras carregam traços que estabelecem um paralelo entre eles como, por exemplo, o excedente ciúme que carregam por seus cônjuges.

Por fim, as obras citadas acima são de períodos literários e épocas diferentes, mas o recurso linguístico que foi utilizado para a formação de Dom Casmurro (1899), obra de escrita posterior a Otelo (1603), a faz carregar uma relação discursiva com a tragédia shakespeariana que a precede. Em vista disso, pode-se elucidar acerca da abordagem educativa no tocante ao ensino de literatura que o educador, em sua posição de mediador do saber e, consequentemente das leituras que serão apreciadas, deve além de estar preparado para a mediação, se encontrar disposto a aguçar os educandos a refletir e a buscar abranger o contexto histórico, político e cultural que permeia o autor e a obra e, além disso, quais são os impactos que ela tem sob a sociedade, tanto em sua época quanto na atualidade, podendo

tratar de temas transversais como, por exemplo, nas criações literárias apontadas anteriormente, é possível abordar os direitos humanos como, por exemplo, a violência contra mulher, temática essa que é versada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, L9394, artigo 26, inciso § 9º.

A intertextualidade presente entre Dom Casmurro e Otelo

Marcuschi (2008) afirma que a intertextualidade se trata das relações que um certo texto estabelece com outros textos, pois não há textos que apresentem uma ideia isolada, ou seja, os textos partilham concepções semelhantes. Valendo-se ainda do critério abordado, Koch (1991, p. 529-530) expõe que “... todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe”.

Ainda para Koch (1991), a intertextualidade é dividida em modalidades, dentre elas, a implícita que ocorre quando um texto B não expressa a fonte do texto A, texto em que teve como respaldo a sua construção, em vista disso, o leitor deve reconhecer esse intertexto a partir de seu conhecimento prévio. E segundo Koch (2007) a intertextualidade explícita concerne a menção que um texto faz a seu intertexto, seja por citações, discurso direto, um fragmento da obra que é citado e entre outras inúmeras formas.

Na concepção da intertextualidade explícita, evidenciase a superfície do texto em que é possível observar em Dom Casmurro passagens que Otelo é citado explicitamente. Como apresentado anteriormente no referencial teórico desse artigo, Otelo se faz presente diretamente na obra de Machado de Assis através de três capítulos: “Uma ponta de Iago” que traz o momento que José Dias, que inicialmente faz o papel de Iago ao falar sobre Capitu a Bentinho, que se encontrava no seminário; “Uma reforma dramática”, na qual se “propõe” que as peças teatrais deveriam começar pelo fim para se ter uma visão do futuro e, para isso, cita Otelo e o final trágico de Desdêmona para exemplificar o ciúme excessivo com a visita de Escobar no capítulo que antecede a este; e “Otelo”, o capítulo em que Bento Santiago assiste à peça da obra shakespeariana e busca a partir do que viu em cena traçar um paralelo com sua realidade, principalmente no que concerne a Capitu, mas em sua história a sua Desdêmona não é inocente.

Em consideração ao conceito de intertextualidade implícita exposto, pode-se observar que Bento Santiago expressa além do que se está presente de forma evidente no texto, apesar de que inicialmente seja José Dias que se apresente como o Iago da história, não há quem alimente mais o ciúme por Capitu senão o próprio Bentinho e sua imaginação, por isso, supõe-se que o sobrenome, Santiago, seja uma alusão subentendida ao nome Iago, *Sant/Iago*, e sua mudança de ‘Bentinho’ para ‘Dom Casmurro’, pode ser considerada a transformação de Otelo, o esposo apaixonado por sua Desdêmona, para Iago, o arruinador de relações afetivas.

Por fim, Barthes (1974) apud Koch (1991, p. 529) afirma que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”. Por como as narrativas são traçadas e os elementos se encontram evidentes no texto, constatasse que há uma intertextualidade entre as obras em questão, posto isso, é irrefutável que a tragédia shakespeariana pode servir de mediadora para a compreensão de Dom Casmurro, além disso, abre uma ponte para discussão acerca dos aspectos linguísticos que são utilizados na escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada buscou transparecer a importância da qualidade do ensino de literatura, em que o professor, como mediador do saber, não deve apenas ater-se a informações preambulares, mas sim frisar outros aspectos de modo a proporcionar ao aluno, buscando também em outras vertentes, arcabouço teórico para uma discussão reflexiva, que o educando compreenda além das obras, os autores, período histórico e movimento que não se encontram apenas em caráter secundário, mas exprimissem de algum modo na obra.

Neste artigo se enfatizou as obras de Machado de Assis e Shakespeare com o intuito de além de arrematar a intertextualidade entre as narrativas e as personagens de ambas as obras, apresenta-se também o propósito de explanar acerca da condição feminina e compreender o olhar que é lançado sob as mulheres pela figura masculina no século XVI, considerando o período de transição da Idade Média que é marcado pelo movimento humanista.

Em suma, é inteligível o subsídio da literatura universal de William Shakespeare para o entendimento de uma das obras clássicas mais importantes de um escritor renomado do Realismo no Brasil, Machado de Assis, sendo essa contribuição imprescindível para o ensino de literatura no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**, 2017. Acesso em 16 de junho de 2021. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> >.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

CALDWELL, Helen. **O Otelo Brasileiro de Machado de Assis**. 2ª. ed. Cotia, SP:Ateliê Editorial, 2008.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **Revista D.E.L.T.A.**, [s. l], v. 7, n. 2, p. 529-541, 1991. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45998>. Acesso em: 22 jun. 2021.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo, Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, João Pedro. Considerações sobre o Humanismo. **Humanitas**, Universidade de Brasília, v. XLVII, p. 791-797, 1995. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas47/50.1_Joao_Pedro_Mendes.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

SHAKESPEARE, William. **Otelo, o mouro de Veneza**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio**. São Paulo: Humanitas, 2001.